



Universidade de  
Aveiro  
Ano 2020

**Han Xiao**

**Análise de dificuldades de alunos chineses na  
compreensão das expressões idiomáticas  
portuguesas**



**Han Xiao**

**Análise de dificuldades de alunos chineses na  
compreensão das expressões idiomáticas  
portuguesas**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua estrangeira/ Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Prof. Doutora Maria Fernanda Amaro de Matos Brasete, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha família, orientadora e amigos.

## **o júri**

presidente

**Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais**  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutor João Paulo Martins Silvestre**  
Professor Auxiliar em Regime Laboral da Universidade de Aveiro (arguente)

**Prof. Doutora Maria Fernanda Amaro de Matos Brasete**  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

## **agradecimentos**

Agradeço à Professora Doutora Maria Fernanda Brasete pela sua orientação académica, paciência e confiança.

À Professora Doutora Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva por me permitir coletar informações dos alunos que é muito importante para esta dissertação.

Aos meus pais e amigos por me apoiarem nos estudos em Portugal, especialmente à minha mãe.

**palavras-chave**

Expressões idiomáticas; Língua portuguesa; alunos chineses; dificuldades de compreensão.

**resumo**

A presente dissertação propõe-se refletir sobre as principais dificuldades dos alunos chineses na aprendizagem e compreensão das expressões idiomáticas do português europeu. Além de se apresentar uma reflexão teórica sobre a questão das expressões idiomáticas em PE, pretende-se ainda obter um conhecimento fundamentado deste problema específico de compreensão da língua portuguesa, com o objetivo de que a análise efetuada, com base num inquérito, possa contribuir para o melhoramento do processo de ensino-aprendizagem das expressões idiomáticas portuguesas, por parte de alunos chineses.



**keywords**

Idiomatic expressions; Portuguese; Chinese students; Difficulties of comprehension.

**abstract**

This dissertation aims to reflect on the main difficulties of Chinese students in learning and understanding the idioms of European Portuguese. Besides presenting a theoretical reflection on the issue of idioms in PE, it is also intended to obtain a grounded knowledge of this specific problem of understanding the Portuguese language, with the objective that the analysis carried out, based on a survey, can contribute to improving the process of teaching and learning of Portuguese idioms by Chinese students.



## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo I – Enquadramento do conceito de Expressão Idiomática (EI) .....</b>	<b>12</b>
1.1. A Expressão Idiomática (EI): problemas de definição .....	12
1.2. Sobre as tipologias das Els. ....	18
1.3. A importância da aprendizagem de IEs do PE para os alunos chineses.....	21
1.4. Problemas práticos na aprendizagem das Els de PE para os alunos chineses.....	23
<b>Capítulo II - Análise do inquérito .....</b>	<b>27</b>
2.1. Contextualização do inquérito.....	27
2.2. Os resultados dos inquéritos .....	28
2.2.1. Perfil dos alunos inquiridos .....	28
2.2.2. Segunda parte do Inquérito: sobre a aprendizagem/utilização das Els .....	31
2.2.3. Terceira parte do Inquérito: exercício de Els .....	37
<b>Capítulo III – Dificuldades dos alunos chineses na compreensão das Els .....</b>	<b>41</b>
3.1. Análise dos erros mais comuns.....	41
3.2. Percentagens corretas das respostas ao exercício que compreendia a parte III do inquérito.....	42
<b>Considerações finais .....</b>	<b>48</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>50</b>
<b>Anexo.....</b>	<b>55</b>

### Introdução

Atualmente, o português é uma das línguas estrangeiras mais procuradas e estudadas por jovens chineses, porque se tem assistido a um desenvolvimento crescente das relações sino-portuguesas. Nos últimos anos, têm aumentado o número de alunos chineses nas universidades portuguesas, nomeadamente, na Universidade de Aveiro, para onde vêm com o propósito de frequentar cursos de Português, Língua Estrangeira/Língua Segunda, no intuito de desenvolverem as suas competências de comunicação em português. No entanto,

para os alunos chineses, como para qualquer aluno estrangeiro, a aprendizagem do português envolve um conhecimento não só das regras gramaticais da língua, mas também a aquisição de outras competências sociolinguísticas e pragmáticas<sup>1</sup>. Nesta perspetiva, a aprendizagem e a compreensão das expressões idiomáticas (EIs) do português europeu (PE) constituem um tópico difícil para aprendentes estrangeiros porque elas estão sujeitas a múltiplas adequações em função do contexto discursivo e da intencionalidade comunicativa, para além de envolverem diversas competências extralinguísticas. Embora se costume dizer que uma expressão idiomática se trata de um segmento linguístico fixo e cristalizado, a verdade é que se atendermos ao modo como esse tipos de frasemas<sup>2</sup> e de fraseologia se integra no discurso, oral ou escrito, percebemos que, na maior das vezes, o seu uso aponta para uma “desfixação”, devido à sua adaptação a contextos e intencionalidades específicas (Vivela, 2002; Duarte, 2006). Na verdade, as diferentes potencialidades e funcionalidades das EIs permitem que elas sejam atualizadas em função de distintos contextos de enunciação e de variadas intencionalidades comunicativas. Além disso, tendo em conta o facto de dois elementos definidores das EIs serem “lexia complexa e conotação” (Xatara, 1998b, p. 171), é natural que os alunos chineses revelem muitas dificuldades na compreensão dessas estruturas cujos significados parecem ser, muitas vezes, indecifráveis, por fazerem referência a elementos explícitos ou implícitos, que são típicos ou significativos apenas na língua e cultura portuguesas. Além disso, é importante referir que as EIs chinesas são sempre muito curtas: a maioria delas compreendem apenas quatro caracteres (Ngan, 1998). Portanto, é muito difícil para os estudantes chineses reconhecerem as EIs portuguesas, que são normalmente muito mais extensas. Como referiu Wang , 2012, p. 31, um termo chinês equivalente a EI é *shú yǔ* (proveniente do termo russo *Фразеологизм* (‘fraseologismo’), mas também são usadas mais de quarenta expressões: entre as quais: *chéng yǔ*<sup>13</sup> (doravante referida referida como CY.) *yàn yǔ* (= provérbio), *guàn yóng yǔ* (= expressão convencional), *sú yǔ* (= dito popular), *gé yán* (= máxima). Citando Sun, C. X. (1989), Wang refere que até aos 90 o estudo da fraseologia não despertou na China um estudo sistemático e que só a partir dessa última década do século XX se tornou uma “subárea da lexicologia na China” (Wang, 2012, p. 31).

---

<sup>1</sup> Segundo o *Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas do Conselho da Europa* (2001), a competência comunicativa numa língua compreende as componentes linguística, sociolinguística e pragmática (p. 34-35).

<sup>2</sup> Segundo Vilela, 2002, p. 170, as EIs “podem assumir a função e significado de palavras individuais”.

Quer em termos lexicais e gramaticais, quer do ponto de vista comunicativo, as grandes diferenças entre o português e a língua nativa dos alunos chineses não favorece o fenómeno de intercompreensão e uma análise contrastiva<sup>3</sup>. Como explica Guilhermina Jorge num dos seus estudos sobre fraseologia portuguesa (2001, p. 215), “conhecer a fraseologia implica conhecer o povo, a cultura que lhe deu vida”. No entanto, para qualquer aprendente de PE é muito importante compreender e também fazer uso das EIs, especialmente ao nível da oralidade. O nível de aquisição de uma língua estrangeira implica a compreensão e o uso desse tipo de unidades fraseológicas porque só assim o aprendente pode empregar adequadamente as EIs no seu discurso. Em qualquer língua elas fazem parte da língua do dia a dia e estão incluídas tanto no registo informal como formal. Como referem Baptista, Fernandes e Correia, 2005, p. 50 “Malia o carácter coloquial de muitas destas expresiões, estas aparecem con algunha frecuencia en textos de natureza discursiva moi variada”.

Por outro lado, atualmente, considera-se central o binómio língua-cultura no desenvolvimento da competência comunicativa de um aprendente de uma língua estrangeira (LE), “sendo frequente a ocorrência de erros de inadequação motivados pelo desconhecimento de algum aspeto da competência cultural na língua-alvo” (Ramon, 2017, p.25). Por isso, é importante que no processo de ensino-aprendizagem das EIs se tenham em conta não só a competência de natureza linguística, mas também “a competência comunicativa [que] pressupõe todo o saber necessário para seleccionar, de entre as formas linguísticas possíveis, as mais adequadas a cada situação concreta puramente linguística mas também outras de natureza cultural” (Ramon, 2017, p.25).

Assim, o foco deste trabalho tem por base empírica os problemas de compreensão que os aprendentes chineses demonstraram em relação às EIs portuguesas, a partir da análise das respostas a um inquérito realizado a alunos que frequentavam o Mestrado de Português, Língua estrangeira/ Língua segunda, no Departamento de Línguas da Universidade de Aveiro.

A presente dissertação compõe-se de três capítulos. No primeiro capítulo, apresentam-se um conjunto de reflexões críticas sobre o enquadramento teórica das EIs, tendo em conta, principalmente, o português europeu. Um outro objetivo é apresentar uma

---

<sup>3</sup> Este foi o tema da dissertação de Mestrado de Rebelo (2000), na Universidade de Macau.

síntese das classificações propostas para as EIs A fundamentação teórica-prática baseia-se, sobretudo, nos seguintes autores: Xatara (1995, 1998a, 1998b), Jorge (2001), Vilela (2002) Ranchhod, (2003) e Ortiz Álvarez (2002, 2004).

No segundo capítulo, apresentam-se, os resultados de um inquérito sobre o tópico em análise, aplicado a cinquenta alunos chineses que frequentavam disciplinas de língua portuguesa na Universidade de Aveiro. Esta parte do trabalho desenvolve uma componente de aplicação prática, ao incidir numa análise dos erros de interpretação mais comuns detetados nas respostas dos alunos chineses ao inquérito a que foram submetidos em contexto de sala de aula.

No terceiro e último capítulo, procede-se a uma análise dos principais problemas de compreensão que os alunos chineses demonstraram a nível de compreensão das diferentes tipologias de EIs da língua portuguesa que foram objeto de questionário no inquérito.

Por último, são apresentadas algumas “Considerações Finais” seguidas de uma lista das referências bibliográficas que sustentaram a presente dissertação.

## **Capítulo I – Enquadramento do conceito de Expressão Idiomática (EI)**

### **1.1. A Expressão Idiomática (EI): problemas de definição**

De acordo com a pesquisa bibliográfica realizada, percebeu-se que não é possível apresentar uma definição única de expressão idiomática (EI) que, por vezes, aparece também

designada pelo termo “idiomatismo”<sup>4</sup>. Nota-se que os autores empregam nomenclaturas diferenciadas (p.ex.: frasemas, locuções fraseológicas (colocações), expressões fixas, lexemas idiomáticos, unidades fraseológicas, etc.) e há distintas formas de conceituação, em parte resultantes dos diferentes tipos de abordagem que são utilizados. Mas não se pretende, na presente dissertação, apresentar uma discussão do conceito de EI com base nas diversas teorias linguísticas que se têm ocupado do tema.

Uma explicação simplificada do conceito de EI encontra-se no *Dicionário terminológico*: “Expressão constituída por mais do que uma palavra, cujo significado não pode ser inferido a partir do significado das partes que a constituem”<sup>5</sup>. Já no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (DPLP), a definição apresentada é a seguinte:

Locução ou frase cuja estrutura se fixou na língua e cujo significado não corresponde à soma dos significados isolados das palavras que a compõem, motivo pelo qual não é interpretada à letra (ex.: a expressão idiomática “bater as botas” significa ‘morrer’)<sup>6</sup>.

Essa definição é já mais completa porque chama a atenção para um aspeto importante a ter, desde já, em consideração: isto é, embora as EIs sejam compostas por uma sequência relativamente fixa de palavras, elas não podem ser interpretadas literalmente. Por exemplo, a expressão idiomática *bater o dente* (que significa ‘ter muito frio ou medo’) vai muito além do seu sentido literal, da imagem real que sugere, porque descreve uma situação que tem por base a nossa experiência de vida. Neste caso, trata-se de uma unidade fraseológica que é usada metaforicamente, portanto, o verdadeiro significado dessa EI é figurado, conotativo, e encontra-se cristalizado na língua portuguesa. Nesse sentido, Ortiz Alvarez, 2002, p. 199, define as EI’s da seguinte forma:

Entendemos por expressão idiomática a combinação (sintagma) metafórica de traços característicos próprios que se cristalizou pelo uso e frequência de emprego (passando da individual para a social) numa determinada língua, apoiada na sua tradição cultural. Do ponto

---

<sup>4</sup> Segundo Xatara, 2002, p. 57, “idiomatismo” é sinónimo de “expressão idiomática. Também para Vivela, 2002, p. 176, os termos são equivalentes. Cf. Estudo de Wulf (2012).

<sup>5</sup> Vd. <http://dt.dge.mec.pt/index.php?id=n278>

<sup>6</sup> In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/express%C3%A3o%20idiom%C3%A1tica> [consultado em 02-07-2019].”

de vista estrutural, ela representa uma lexia indecomponível e é constituída por mais de uma palavra. Do ponto de vista semântico, o significado dos seus elementos constituintes não corresponde ao sentido geral do todo, o sentido global do conjunto não é igual à somatória das suas partes; portanto, a interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos seus elementos.

Além dos conceitos de conotação e de cristalização, há que ter ainda em conta que as EIs se apresentam como “frases feitas”, expressões fixas (ou *frozen*, o termo utilizado em inglês) num idioma, cujos elementos são indecomponíveis. Normalmente, o falante tende a reproduzir a EI sem decompor ou alterar os elementos que a constituem. Como refere Xatara 1998a, p. 150, seguindo Poitier (1987), a EI

é um sintagma um sintagma não-composicional, oriundo de uma combinatória de palavras que não formam uma unidade lexical e, por mutação semântica, passam a constituir uma unidade, porque os componentes do sintagma não podem mais ser dissociados significando uma outra coisa, ou seja, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos significados individuais de seus elementos...

Assim, estamos perante um determinado tipo de fraseologia<sup>7</sup>, cujo significado conotativo é estável, tendo sido usado numa determinada comunidade linguística por um longo período temporal. Vilela, 2002, p. 160 entende, seguindo a teoria de Gläser, que “a fraseologia [...] tem por objecto as combinações fixas (diria mesmo congeladas) de uma língua, combinações que, no sistema e na frase, podem assumir a função e o significado de palavras individuais (ou lexemas). Consideradas também como “frasemas”, as EIs além de terem a função de ampliar o léxico de um idioma têm também uma “função nomeadora: nomeiam de modo codificado e sistemático um denotado ou classe de denotados, representando esquemas mentais de objetos e estados de coisas” (Vilela, 2002, p. 160).

---

<sup>7</sup> A Fraseologia é um ramo da Lexicologia que tem por objeto de estudo unidades lexicais complexas. Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), a fraseologia é definida como: “estudo ou compilação de frases feitas de uma determinada língua; frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geral não é literal; frase feita, expressão idiomática (p. ex., cair como um patinho), ligadas às áreas da gramática, lexicologia/lexicografia e linguística.” Sobre a importância e a complexidade que a Fraseologia adquiriu a partir do final do século passado, veja-se, por exemplo, a obra editada por Cowie (1988) e Weizhe (2018, pp. 5-6).

Em Portugal, os estudos fraseológicos têm sido pouco desenvolvidos e a classificação da EIs é um tema controverso. Cf. Jorge (1991; 2001), Vilela (2002).

A fixação tem sido considerada uma característica fundamental e comum às EIs de uma língua. Essas sequências fraseológicas são usadas coloquialmente pelos falantes de uma comunidade de uma forma invariável. Mas como nota Xatara, 1998a, p. 151 “não basta, porém, que uma lexia seja indecomponível em sua forma e conteúdo para ser denominada idiomática”. Tem de se associar um outro critério, o de “frequência”, que faz com que uma EI seja “cristalizada” por uma tradição cultural, numa comunidade de falantes. Citando uma linguista espanhola (Zuluaga, 1980), Xatara, 1998a, p.151 conclui: “uma EI é o produto de um processo de repetição na diacronia da língua”<sup>8</sup>.

As características gramaticais da EIs como “unidades estereotipadas” são, segundo Figueiredo, 2001, p. 191, “frequência, ancoragem na memória coletiva, carácter durável, ambivalência axiológica”. Muitas vezes as EIs são confundidas com os provérbios mas, como esclarece a autora acima citada, “o critério gramatical permite a distinção” entre este tipo de unidades codificadas: os provérbios baseiam-se num princípio de “generacidade” enquanto que as EIs se baseiam numa “generalidade específica e reenviam a uma situação particular, espacial e temporalmente determinada” (Figueiredo, 2001, p. 191, n. 3).

Embora sejam consideradas “expressões cristalizadas”, as EIs admitem, no entanto, alguma variação decorrente da intencionalidade comunicativa e do contexto de situação. Como observa Vilela, 2002, p. 163, as EIs pressupõem uma “invariabilidade relativa” porque “por força do contexto, há muitas possibilidades de variação”. Na verdade, há EIs que admitem substituição, adição ou omissão de uma das palavras que a compõem (Vilela, 2002, p.179).). Vários exemplos dessas variações são analisados na Dissertação de Mestrado de Maria Susana de Almeida Duarte (2006), dedicada à utilização das EIS nas crónicas de Miguel Esteves Cardoso. Na Parte I dessa dissertação, são analisadas várias adaptações linguísticas de EIs em determinadas passagens das crónicas do autor estudado, por exemplo, o uso de modalizadores, a substituição do verbo introdutor, a adaptação à intencionalidade do locutor/enunciador, a condensação de expressões, etc. Com base no estudo de Vilela (2002), a autora procura demonstrar, ao longo do seu estudo, que “as expressões idiomáticas só quando integradas em contexto discursivo/textual fazem sentido [...] pois, possuem um sem número de extraordinárias e funcionalidades, actualizadas de acordo com o contexto de enunciação.” (Duarte, 2006, p. 13).

---

<sup>8</sup> Note-se que não são consideradas EIs, as locuções, as chamadas “combinatórias usuais”, as perífrases verbais ou “colocações” com verbos suportes, os ditados, as gírias e sintagmas terminológicos (Xatara, 1998a, pp. 151-152).

Como se pode ver, a questão da “fixidez” de uma EI é um tema complexo. Enquanto sequências léxicas, as EIs representam unidades composicionais formadas por uma combinação de palavras específica, cristalizada, presente num idioma desde tempos imemoriais, usada pela comunidade de falantes e apreendida durante o processo de socialização. Por isso, Rebelo, 2000, p.23 entende que uma EI representa um processo de lexicalização de natureza sociolinguístico que dá origem a uma combinação fixa de palavras e em que existe uma espécie de transferência dum sentido literal para um sentido metafórico (ou idiomático). Como afirma Rio Torto 2012, p. 400, “idiomaticity and compositionality, as well as opacity and transparency, are two opposite poles of a scale in which the word’s structure is represented”. A EI apresenta-se como uma nova composição semântica que tem a “metoraficidade” como um dos seus traços caraterísticos, já que o sentido literal das palavras que a constituem não é igual à do seu sentido idiomático (Vilela, 2002, p. 176). Por exemplo, a expressão “colocar o pé no sítio errado” (Vilela, 2002, p. 179) pode ser interpretada tanto no seu sentido literal como no seu sentido metafórico (‘comportar-se de modo errado’): é o contexto em que é utilizada que desfaz a ambiguidade. Outras expressões como *estar com gão na asa*, são desprovidas de qualquer sentido literal e, nesses casos, existe uma opacidade semântica em termos do sentido literal dos seus constituintes porque é o significado metafórico do segmento frásico no seu todo que cria a idiomaticidade<sup>9</sup>. Por isso, como refere o *Dicionário Terminológico*:

Uma expressão idiomática é um segmento frásico, cujo significado não resulta, conseqüentemente, dos significados parciais dos elementos que a compõem, nem da sua forma de combinação, ou seja, a interpretação do significado de uma expressão idiomática não se pode basear apenas numa leitura literal dos seus constituintes, mas implica sempre uma leitura fraseológica (p. ex.: «Dar com a língua nos dentes»)<sup>10</sup>.

Como explica Vale (1999), no estudo que dedicou aos conceitos de “transparência” e de “opacidade” nas EIs, “algumas expressões podem ser mais facilmente calculadas a partir

---

<sup>9</sup> Cf. Vilela, 2002, p. 182-184.

<sup>10</sup> Ver *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-diferenca-entre-proverbio-e-expressao-idiomatica/32210> [consultado em 10-07-2019].



de seus componentes que outras” (Vale, 1999, p. 166) mas “a transparência ou a opacidade de uma determinada expressão não podem ser compreendidas apenas pela proximidade de seu significado total com os significados dos elementos que a compõem, mas também pelo percurso cognitivo do falante/ouvinte “ (p. 170).

Citando novamente um exemplo referido por Vivela 2002, pp.172-173, a EI “*abrir os cordões à bolsa*”, verifica-se que existe um “conceito de base” que assume o significado literal/composicional de “desatar/abrir os cordões de uma bolsa/saco”. Mas há também, como referido, um “conceito transposto” (Vilela, 2002, p.173), com “valor fraseológico” e que provém da “esfera imagética”. O significado idiomático (metafórico) da unidade fraseológica é “dar dinheiro”, o que não coincide com o seu significado literal. Por isso, há autores que consideram um idiomatismo é literalmente intraduzível, já que o seu significado não pode ser deduzido pela composição das palavras. Para Vivela, 2002, p. 186, as EIs podem apresentar diferentes graus de idiomaticidade. Mas o que permite a compreensão de um idiomatismo é sempre a adequação contextual do uso da EI pelo utilizador da língua. Segundo Weizhe, 2018, pp. 14-15,

Algumas expressões permitem tanto o sentido literal como o sentido figurado. Tomamos o exemplo com a expressão *lavar as mãos*. No sentido literal, representa um ato de limpar as mãos com água. Contudo, num determinado contexto comunicativo, pode ser ativado o sentido figurado. Por exemplo, na frase “Avisei o meu chefe que esse projeto não ia dar certo, mas ele não me ouviu. Pelo menos eu *lavei as mãos*”, a expressão itálica significa que alguém está a isentar-se de qualquer culpa ou prejuízo que possa acontecer por sua responsabilidade.

O sentido figurado está ligado normalmente com metáfora, a designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança [...]

Não podemos esquecer que as EIs são produzidas com base numa cultura específica e os relacionamentos lógicos que pressupõem são facilmente compreendidos pelos falantes nativos dessa língua. As EIs são enunciados que dependem fortemente do contexto pragmático a que estão ligados e daí que o seu uso e a sua interpretação impliquem não só um bom nível de competência linguística, mas também de conhecimentos de ordem sociocultural, ligados a uma competência sociocomunicativa mais vasta. Para que um falante não-nativo possa interpretar corretamente uma EI, ele deve possuir um conhecimento

extralinguístico relacionado com as especificidades culturais da língua que está a aprender. Conforme salienta Ortiz Álvarez, p.74, as EIs são um dos exemplos mais importantes que manifestam “as potencialidades criadoras de uma língua, como o demonstra eloquentemente a riqueza das suas imagens, a originalidade das suas metáforas e a variedade das e maleabilidade das suas formas estruturais”. Por isso, o estudante estrangeiro sente muitas dificuldades no reconhecimento, na descodificação e no uso das numerosas EIs que existem na língua portuguesa, nomeadamente em PE. Aos contrários dos falantes nativos, os estrangeiros não conhecem um sem número de convenções implícitas no uso coloquial do português. Para que os alunos chineses desenvolvam uma competência comunicativa em PE, é importante que vão aprofundando os seus conhecimentos linguístico-culturais da língua-alvo, mas em situações concretas, ou seja, de uma forma contextualizada. Ramon, 2017, p. 25, afirma que

Sem deixar de considerar o conhecimento da própria língua indispensável para que o falante possa produzir e entenderem número infinito de orações, a competência comunicativa pressupõe também o saber necessário para seleccionar, de entre as formas linguísticas possíveis, as mais adequadas a cada situação concreta.

## **1.2. Sobre as tipologias das EIs.**

Num estudo dedicado a algumas das características principais das EIs em língua francesa, Xatara (1998b) apresenta uma análise tipológica, tomando por base critérios morfossintáticos e semânticos. A partir dos estudos citados de Corbin, (1983) e Tagnin (1988), a autora considera que os dois elementos definidores das EIs são “lexia complexa e conotação”. Com base neste pressuposto, identifica 5 estruturas frasais nas EIs: 1) sintagmas nominais; 2) sintagmas de função adjectiva; 3) sintagmas de função adverbial; 4) diferentes subtipos de sintagmas verbais ; 5) sintagmas frasais, geralmente exclamativos (Xatara, 1998b, p. 171).

Entre os exemplos referidos, destaca-se um para cada um dos itens referidos:

- 1)- “cabeça de vento”;
- 2)- “de meia-tigela”;
- 3)- “por baixo do pano”;

4)- “queimar etapas”, “ter a última palavra”, “bater na mesma tecla”, “ estar à altura”;

5)- “É o fim da picada!”.

No tocante ao “valor conotativo” das EIs, Xatara, 1998b, pp. 171-172, classifica-as em dois grupos: 1) - as que são fortemente conotativas; 2) e as que são fracamente conotativas. Cito como exemplos, as seguintes EIs: 1)- “fazer das tripas coração” ; 2)- “matar a fome”.

Seguidamente, entre os chamados “Casos especiais”, a autora diferencia os seguintes tipos: EIs alusivas (Ex.: “ficar para tia”); EIs análogas (Ex. “fazer frente”); EIs apreciativas (Ex.: “farinha do mesmo saco”); EIs comparativas (Ex.: pegajoso como um carrapato”); EIs deformadas (Ex: “ver-se em papos de aranha”); EIs hiperbólicas (Ex.: “ jogar dinheiro pela janela;”); EIs irónicas (Ex.: “nadar como um prego”); EIs negativas (Ex.: “ não ter nada a ver com isso”); EIs numéricas (Ex.: “fica a dois passos daqui”); EIs situacionais (Ex.: “Nem mais um pio!”).

Como referi anteriormente, os exemplos fornecidos neste estudo têm por base a língua francesa, mas são perfeitamente traduzíveis em português. Embora as EIs sejam fraseologismos que fazem parte de uma língua, a verdade é que podem, muitas vezes, serem equivalentes aos de outras línguas. Alguns problemas de tradução de idiomatismos foram discutidos por Xatara (2001b) num outro estudo em que aborda alguns dos aspetos fundamentais que devem ser tidos em conta no “processo de leitura” dos significados das EIs. É evidente que as questões de tradução destas lexias complexas causam problemas de vária ordem ao leitor/tradutor que terá de utilizar diferentes estratégias no processo de leitura/interpretação das EIs. De salientar que Xatara (2001a) dedica também um importante estudo à discussão da importância das EIs no ensino de línguas. A este tema voltaremos mais adiante.

Uma outra tipologia de classificação das EIs é apresentada por Jorge (2001, p. 215-222). A partir das “diferenças (lexicais, morfológicas, idiolectais, regionais sociais...)” que se manifestam nas diferentes formas de EIs, a linguista identifica dez tipos de variações que classifica nos seguintes termos:

1) “Variantes verbais”

Ex.: *Acertar as contas com alguém / ajustar as constas com alguém.*

2) “Variantes nominais”

Ex.: *Custar os olhos da cara / custar os dentes da boca.*

3) “Variantes do numeral”

Ex.: *Receber com duas pedras na mão / receber com sete pedras na mão.*

4) “Variantes do morfema de número”

Ex.: *Andar na boca do mundo / andar nas bocas do mundo.*

5) “Variantes dos morfemas derivacionais diminutivos”

Ex.: *Tirar o cavalo da chuva / tirar o cavalinho da chuva.*

6) “Variantes de determinantes (presença ou ausência)”

Ex.: *Procurar agulha em palheiro / Procurar agulha num palheiro.*

7) “Variantes sinonímicas”

Ex.: *Perder a fala / perder a voz.*

8) “Omissão de elementos”

Ex.: *Pôr (tudo) em pratos limpos.*

9) “Variantes de preposição”

Ex.: *Não enxergar um palmo adiante do nariz / não enxergar um palmo à frente do nariz.*

10) “Variantes de níveis de língua”

A noção de “variação” também foi objeto de estudo por Vilela (2002) que propôs uma classificação dos frasemas e dos fraseologismos muito mais complexa e ampla, com base em critérios predominantemente estruturais e semânticos, relacionados com a “relativa fixidez” e a “variabilidade”, aceite pela norma da língua. Por se tratar de um estudo de grande profundidade, seria muito arrojado fazer uma síntese que me obrigaria a abordar uma série de tópicos muito complexos e associados ao domínio da linguística. Remeto, por isso, para o quadro elaborado por Wang (2012, pp. 27.28), na sua dissertação de mestrado.

Na opinião deste linguista português, “o que preferencialmente os fraseologismos lexicalizam são, no chamado léxico mental, as emoções, as atitudes, as interpretações subjectivas, os comportamentos, frequentemente de pendor negativo” (Vilela, 2002, p. 171). Podemos dizer que, enquanto processo de lexicalização, as EIs constituem um fenómeno sociolinguístico. O uso do léxico de uma idioma não compreende apenas composições livres de palavras, mas também determinadas estas estruturas estereotipadas (como as EIs, os

provérbios, etc) , memorizadas e partilhadas pelos falantes nativos e apreendidas pelos alunos estrangeiros através de um processo de socialização.

A linguista brasileira Ortiz Alvarez (2000) também fez um estudo sobre a tipologia as EIs do português brasileiro e do espanhol cubano e é autora de outros estudos dedicados a esta temática (1998, 2002, 2004).

### **1.3. A importância da aprendizagem de IEs do PE para os alunos chineses**

Os alunos chineses que iniciam o processo de aprendizagem do PE na China e depois prosseguem os seus estudos nas universidades portuguesas sentem muitas dificuldades na aquisição da EIs. De uma maneira geral, as metodologias usadas no ensino do PE têm por objetivo que os aprendentes estrangeiros compreendam um grande número de estruturas idiomáticas usadas na linguagem coloquial e as saibam integrar adequadamente na sua produção discursiva. Trata-se de uma tarefa muito complicada para os alunos que além de uma língua muito diferente da sua língua materna se confrontam com uma realidade e uma cultura que lhes é praticamente desconhecida. Mas como os idiomatismos fazem parte do registo coloquial exige-se que o aprendente chinês os procure ir integrando no seu léxico, apesar de haver uma correspondência mínima dessas estruturas com as que utiliza na sua língua materna. O inglês pode ser uma interlíngua facilitadora, mas também nesse idioma os alunos chineses não estão familiarizados com a maior parte das expressões idiomáticas.

Embora os idiomatismos portugueses façam parte dos conteúdos de aprendizagem em sala de aula e seja muitas vezes alvo de vários exercícios, a verdade é que é nos dicionários, especialmente nos disponibilizados *online*, que os alunos chineses procuram compreender os significados das estruturas lexicais desconhecidas. Mesmo as competências linguísticas do chinês que aprende PLE num nível mais avançado não se encontram suficientemente desenvolvidas para descodificar essas expressões tão peculiares de uma língua. Algumas soam de forma completamente incompreensível (Ex.: *passar-se dos carros/ 'zangar-se'*), ao passo que outras, apesar de não serem bem compreendidas, não parecerem ser tão estranhas (Ex: *estar numa pior/ 'estar desanimado'*).

Xatara, num dos seus muitos estudos sobre este tema complexo, (2001a), reflete sobre a importância das EIs no ensino de uma língua estrangeira. Ela sugere que devem ser sistematizados três tópicos as aulas de PLE: “1) o conceito de EI; 2) a identificação da EI em textos de língua estrangeira; 3) a seleção de EIs segundo níveis de aprendizagem” (Xatara, 2001<sup>a</sup>, p. 51). Defende também que o professor deve promover a análise contrastiva (o que no caso do mandarim não é, praticamente, possível) e efetuar exercícios de contextualização das EIs em PLE com o objetivo de alargar “informações culturais significativas” (Xatara, 2001a, p. 51). Mas para qualquer o falante não nativo de PE não é fácil interpretar corretamente a maior parte das EIs, porque não existe um conhecimento referencial nem as competências extralinguísticas necessárias. As características metafóricas, irónicas, hiperbólicas, etc., dos enunciados idiomáticos constituem um obstáculo ainda mais difícil de vencer por arte dos alunos chineses.

Como refere Wang (2012, p. 1), na Introdução da sua dissertação de mestrado, “muitos autores acreditam que as EIs poderão contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa”, no caso do ensino de PE a alunos chineses. É, por exemplo, o caso de autores como Figueiredo & Figueiredo, 2010, p. 156 que afirmam:

Aprender uma língua é aprender a comunicar-se com ela. Neste comunicar, o falante tem de agilizar operações mentais, aferir mecanismos de intercompreensão, inferir estratégias de cooperação, colocar no lugar certo as pedras basilares do jogo da comunicação. Nestes actos potencialmente conscientes em que as formas de comunicação não são mais que senhas de identidade, as estratégias têm o seu lugar na ajuda da resolução dos problemas de forma a atingir-se a eficácia comunicativa. [...]

Sendo a língua um instrumento de comunicação social e cultural é também o instrumento de estruturação do pensamento que enquadra uma determinada visão do mundo. Deste modo, quando se aprende uma língua estrangeira, aprende-se a forma de ser, de pensar, de sentir e de agir, isto é, a cultura implícita na língua-meta. A compreensão dos dois mundos e das duas culturas, o da Língua Materna e o da Língua Estrangeira, faz desenvolver no aprendente uma consciência intercultural.

De acordo com o QECRL, 2001, p. 29, considera-se que o principal objetivo do ensino de uma LE é

o desenvolvimento da competência comunicativa «orientada para a acção» considerando “o utilizador e o aprendente de uma língua como actores sociais, que têm que cumprir tarefas (que não estão apenas relacionadas com a língua) em circunstâncias e ambientes determinados, num domínio de actuação específico».

Por isso, o processo de ensino-aprendizagem dos idiomatismos que formam parte do léxico do português deve ser feito em contextos de uso concretos e segundo metodologias específicas que tenham em conta a distância culturas entre as realidades do PE e as da língua materna dos alunos chineses. Como observa Jorge (2005, p. 119),

A língua portuguesa dispõe de alguns trabalhos pontuais sobre a fraseologia mas a investigação nesta área da linguagem não tem acompanhado o desenvolvimento de outras línguas como o espanhol, o francês e o inglês. [...] pelo facto de a investigação científica em Portugal não acompanhar, a par e passo, nesta área, a evolução e a produção de trabalhos para outras línguas tem dificultado, de certo modo, a coerência do trabalho lexicográfico.

Se não se compreender a componente metafórica de muitas EIs, isso afeta os atos comunicativos e as próprias situações de comunicação. Segundo Figueiredo & Figueiredo o ensino-aprendizagem de PLE é também um trabalho de cariz sociocultural, pelo que

Ensinar o léxico, ao nível das unidades léxicas e ao nível das unidades fraseológicas, implica proporcionar ao aluno recursos para compreender e expressar intenções e conotações implícitas no discurso, implica desenvolver a competência comunicativa e a aproximação a uma outra cultura. (Figueiredo & Figueiredo 2010, pp. 158-159)

Com base na minha experiência, penso que as EIs mais difíceis de compreender são aquelas que apresentam um valor metafórico mais acentuado, o que implica uma maior esforço cognitivo, porque não é possível transpô-lo facilmente para o real e o concreto.

#### **1.4. Problemas práticos na aprendizagem das EIs de PE para os alunos chineses**

Entre os vários problemas que os alunos chineses de PLE/L2 sentem na aprendizagem das EIs tem a ver com a falta de boas obras de referência. Como já referiu Xatara, 1998, pp.153-154, as EIs não se encontram incluídas de forma sistemática nos dicionários monolíngues. Também os poucos dicionários idiomáticos de PE não são muito acessíveis aos alunos chineses. Além disso, o critério utilizado para a organização das entradas não é uniforme. As EIs aparecem organizadas por palavras-chave, mas nem sempre é a mesma nos diferentes dicionários, o que dificulta a consulta para um aprendente de PLE/LS. Note-se ainda que nem sempre antes de uma EI aparece a indicação de se trata de um fraseologismo (fras.).

Para exemplificar um desses problemas práticos, vou referir as dificuldades que a EI *dizer cobras e lagartos* pode suscitar num aluno estrangeiro, utilizando como base as consultas bibliográficas e na internet que efetuei.

No dicionário em linha *Priberam*, é a entrada do s.f. **co•bra 1**<sup>11</sup> que apresenta unidade fraseológica “dizer cobras e lagartos de”, classificada como [Informal] e com o seguinte significado: “Falar mal de (ex.: deixou o emprego dizendo cobras e lagartos do patrão)”. Não é referido que se trata de uma EI, apenas que é uma fraseologia pertencente ao registo informal.

No *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2005), também é na entrada do mesmo s.f. que apresenta a EI, mas não existe qualquer classificação, referindo-se apenas o significado: “falar mal de dizer coisas desagradáveis ou injuriosas de ou a alguém”.

Consultando a obra *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas* (1998, [02785]), esta EI integra um dos exemplos do animal “cobra” e é designada como um populismo (pop.), com o significado de ‘dizer muito mal’.

Já no *Dicionário de Calão e Expressões Idiomáticas* (2019), a palavra-chave é o verbo “dizer”. Encontrei a entrada da EI com a indicação do significado: “falar muito mal de alguém” (p. 61). O mesmo significado é atribuído à referida EI, *No Dicionário de Expressões Correntes* (1998), de Orlando Neves.

Investigando na internet, via motor de busca Google, pude verificar que a EI consta também: do Wikitionary<sup>12</sup> (considerada uma “expressão”); do *Dicionário Informal*<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Cf. <https://dicionario.priberam.org/cobra> [Acedido em 12.07.2019].

<sup>12</sup> Cf. [https://pt.wiktionary.org/wiki/dizer\\_cobras\\_e\\_lagartos\\_de\\_algu%C3%A9m](https://pt.wiktionary.org/wiki/dizer_cobras_e_lagartos_de_algu%C3%A9m)[Acedido em 12.07.2019].

<sup>13</sup> Cf. <https://www.dicionarioinformal.com.br/dizer+cobras+e+lagartos/>[Acedido em 12.07.2019].



(classificada como “Expressão popular”); da *Infopédia*<sup>14</sup>, mas sem qualquer classificação. Assim, uma das dificuldades sentidas pelos aprendentes de PE, como língua estrangeira é a da identificação de um determinado segmento fraseológico como sendo idiomático. Para os falantes nativos as EIs as expressões fixas são facilmente reconhecidas e reproduzidas no discurso. Mas as especificidades desse tipo de fraseologias (sobretudo a indecomponibilidade das partes que as constituem, a relativa fixidez e o seu valor conotativo/metafórico) apresentam dificuldades de interpretação por parte do falante não nativo, porque o facto de se encontrar a aprender uma língua diferente num contexto sociocultural diferente não possuiu chaves referenciais de descodificação dessas unidades linguísticas tão peculiares.

Na *Dissertação de Mestrado* de Polónia (1999), encontramos muitas sugestões didáticas para resolver todo este tipo de problemas relacionados o processo de ensino-aprendizagem das EIs, no âmbito do PLE/L2. Se há EIs, em que a interpretação inferir, parcialmente, a partir de uma sentido literal, como é o caso de “*lavar as mãos*” ou de “*com a corda no pescoço*”, muitas outras há que em que os valores conotativos/metafóricos dos elementos constituintes não têm qualquer relação com o mundo real e são entendidos como completamentos estranhos pelos alunos chineses. O carácter convencional das EIS, assim como os seus diversos valores metafóricos (assertivos, irónicos, eufemísticos, enfáticos etc.) não pertencem ao mundo conceptual nem à esfera imagética de um aluno chinês, com um nível de competência comunicativa elementar em PE. Segundo Schemann, “existem na variante continental do português por volta 7000 a 11000 de unidades fraseológicas ou idiomáticas” (citado por Wang, 2012, p. 20) e as EIs, além de serem lexias completas, indecomponíveis e cristalizadas, como explica Xatara (1998a, 1998,b) fazem parte de numa longa tradição cultural.

---

<sup>14</sup> <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cobras> [Acedido em 12.07.2019].



## Capítulo II - Análise do inquérito

### 2.1. Contextualização do inquérito

Como nesta dissertação me propus abordar as dificuldades de compreensão de EIs portuguesas por alunos chineses, entendi que a componente prática devia basear-se num inquérito, porque, num curto espaço de tempo podia coligir diretamente dados reais provenientes de alunos chineses que estavam a frequentar cursos no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Os inquiridos foram selecionados pela autora do presente estudo: tratava-se de estudantes chineses que frequentavam a Universidade de Aveiro, que residiam em Portugal há cerca de dois anos e a maioria deles já estudara a língua portuguesa numa universidade da China, por um período de dois anos. Entendi que este perfil de inquiridos se adequava aos objetivos desta pesquisa. Esses alunos estavam expostos ao uso das EIs portuguesas há mais tempo e apesar de já terem aprendido PE na China, ainda sentiam dificuldades de compreensão.

O questionário aplicado aos alunos compreendia os três partes: numa Parte I, as questões incidiam sobre as informações pessoais, para compreender há quanto tempo os inquiridos aprendiam português e o seu o nível da língua; depois, na parte II, as questões formuladas concentravam-se principalmente nos problemas relacionados com aquisição das EIs portuguesas pelos estudantes chineses e nas atitudes dos estudantes chineses em relação à sua aprendizagem; por último, apresentava-se, no inquérito, um exercício de decifração de catorze EIs do PE.

A aplicação dos questionários decorreu em contexto de sala de aula, depois de ter pedido autorização ao Professor das respetivas UC.

Entre os cinquenta questionários, um deles não pode ser utilizado, por não conter dados suficientes. Restaram, assim, quarenta e nove questionários, cujos resultados foram tratados pelo programa Microsoft Excel, o que me permitiu realizar os gráficos que se apresentam de seguida.

## 2.2. Os resultados dos inquéritos

O inquérito realizado apresenta um perfil do desempenho na área das EIs portuguesas de alunos chineses que fazem intercâmbio em Portugal, na Universidade de Aveiro.

### 2.2.1. Perfil dos alunos inquiridos

Como os gráficos que se seguem mostram, podemos observar que a maioria dos inquiridos de nacionalidade chinesa (1.2.) situa-se na faixa etária dos 19 aos 21 anos e é do sexo feminino. Dos 49 estudantes chineses, 29 estudantes têm entre 22 a 24 anos de idade, 18 estudantes têm entre 19 a 21 anos e 2 estudantes têm entre 25 a 26 anos. Entre esses estudantes, há 35 mulheres e 14 homens.

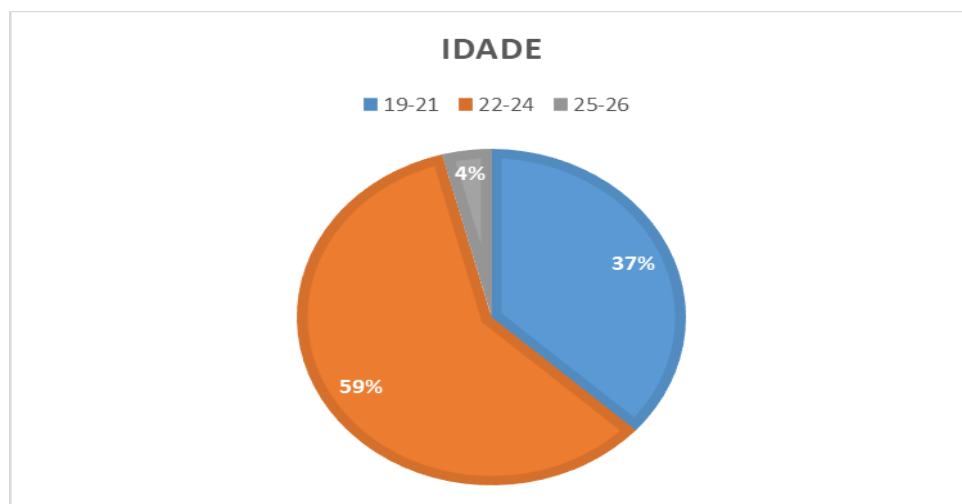


Gráfico 1: Idade

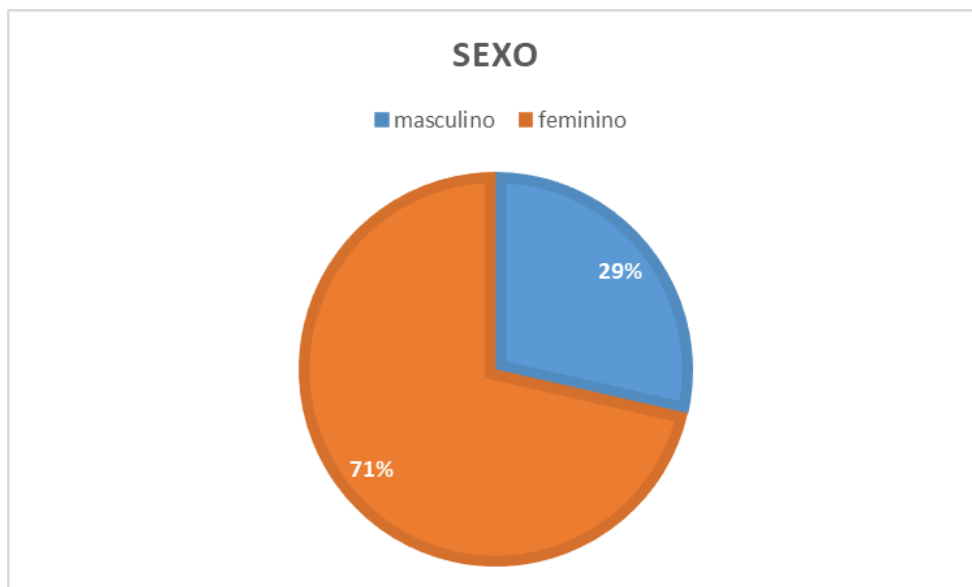


Gráfico 2: Sexo

Pode observar-se, no gráfico que se segue, que o tempo de aprendizagem de Português varia entre os informantes, sendo que a maioria o faz há já quatro anos e em Portugal.



Gráfico 3: Tempo de aprendizagem da língua portuguesa em Portugal.

De acordo com a análise efetuada a partir do gráfico que se segue, conclui-se que o tempo médio dos estudantes chineses a aprender língua portuguesa é de 3,78 anos e a média de aprendizagem em Portugal é de 2,16 anos.

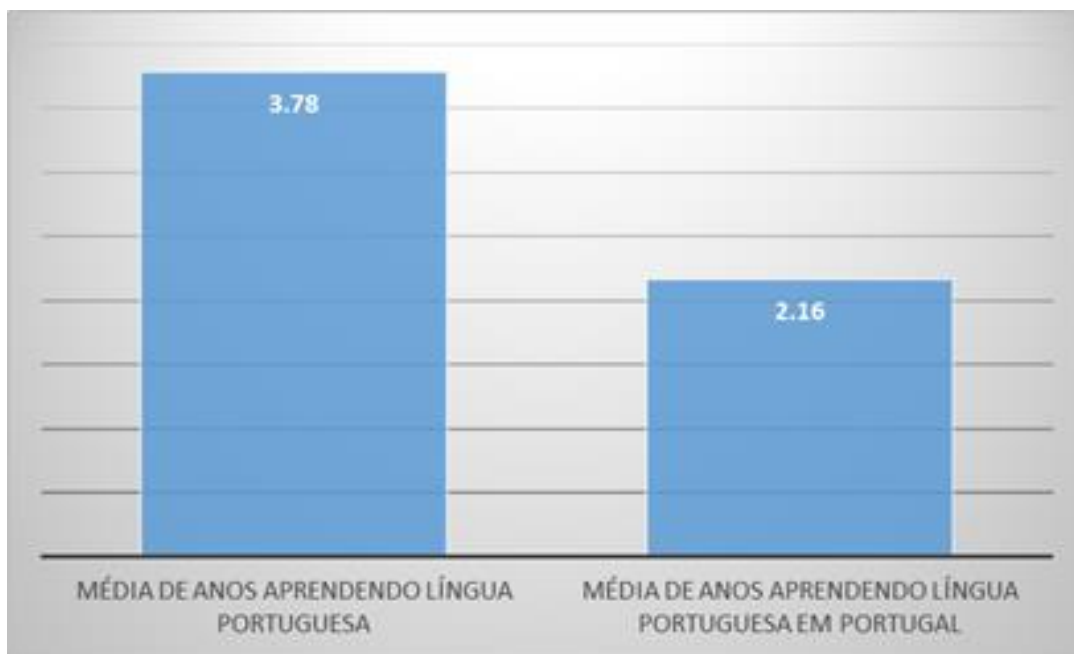


Gráfico 4: Média de anos de aprendizagem de português.

O nível de proficiência de língua portuguesa da maioria dos entrevistados deve situar-se no B2, do designado “utilizador independente”, de acordo com o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, do Conselho da Europa*, este nível confere ao utilizador a capacidade de

- “entender ideias principais de textos complexos que tratem de temas tanto concretos como abstratos, inclusive textos de carácter técnico se forem de sua área de especialidade”;
- “comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte”;
- “expressar-se de modo claro e pormenorizado sobre uma grande variedade de temas e explicar um ponto de vista sobre um tema da actualidade, expondo as vantagens e os inconvenientes de várias possibilidades”<sup>15</sup>.

<sup>15</sup>[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/quadro\\_europeu\\_comum\\_referencia.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/quadro_europeu_comum_referencia.pdf). p.49.

Assim, de acordo com o nível B2, os alunos chineses deveriam ter a capacidade de entender textos abstratos e de comunicar facilmente com falantes nativos. Portanto, eles também deveriam ser capazes de entender EIs comuns e simples, em português.

### 2.2.2. Segunda parte do Inquérito: sobre a aprendizagem/utilização das EIs

Nesta segunda parte do inquérito, os resultados apresentam variações muito significativas.

As respostas à pergunta 2.1. “Considera que a utilização de expressões idiomáticas é mais frequente na comunicação escrita ou na comunicação oral?” podem ser analisadas a partir do seguinte gráfico.

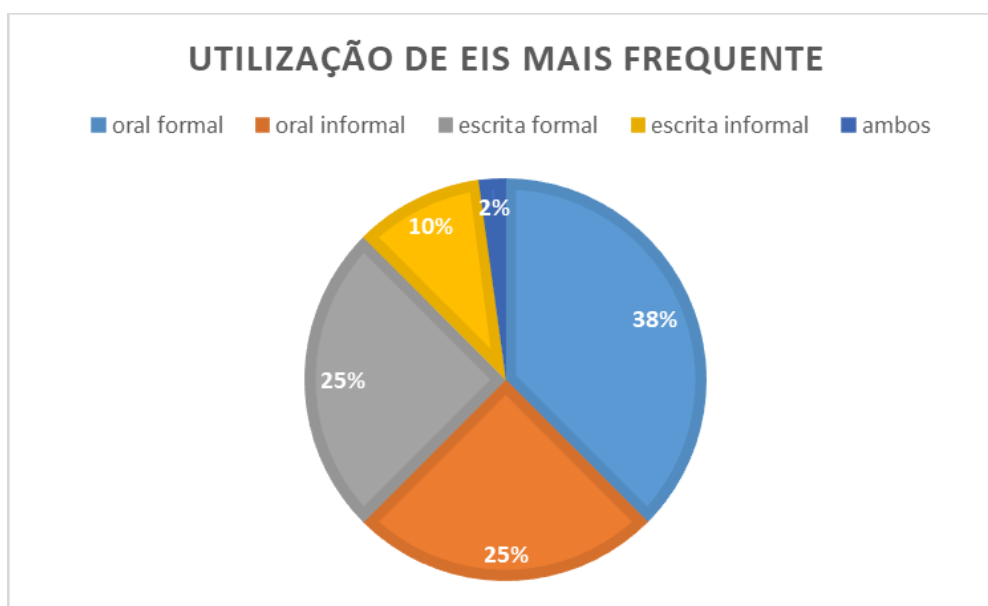


Gráfico 5: Utilização de EIs mais frequente.

Entre os quarenta e nove alunos, 63% acreditam que as EIs são mais comumente usados na linguagem oral, 35% acreditam que as EIs são mais comumente usados na escrita. Apenas 2% acham que os dois casos são comuns. A maioria dos alunos chineses acredita que as EIs são usados principalmente nos registos escrito e oral em situações informais, enquanto apenas um terço dos alunos acredita que as EIs são usados principalmente em situações

formais. De acordo com o gráfico 7, para os alunos chineses, é difícil reconhecer e escrever EIs em textos, Ao mesmo tempo, raramente usam EIs em situações formais.

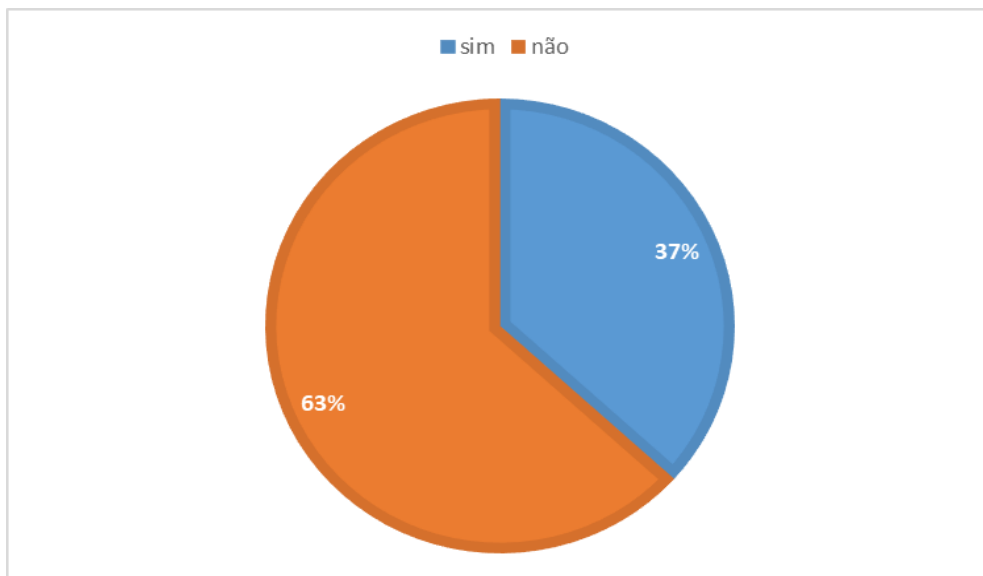


Gráfico 6: “Já estudou EIs do português europeu durante o seu percurso escolar?”

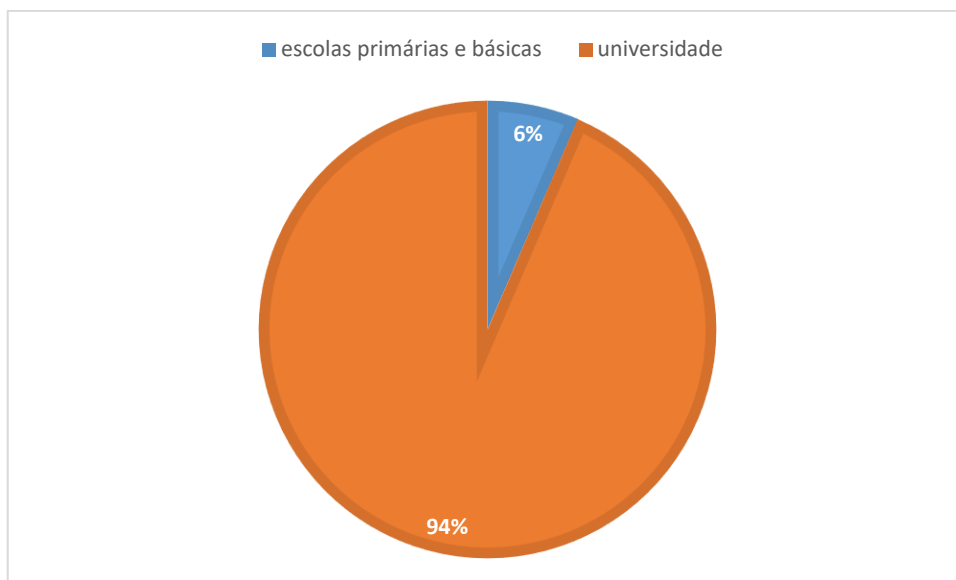


Gráfico 7: “Quando estudou as EIs portuguesas?”



Trinta e um alunos chineses estudaram as EIs portuguesas durante os seus percursos escolares. Entre esses alunos, apenas dois estudaram as EIs portuguesas nas escolas primárias e básicas, e os restantes estudaram na universidade. Esta situação é devido ao sistema de educação chinesa. Alunos chineses enfrentam muita pressão face aos exames desde o início da vida escolar. Os exames de admissão às universidades chinesas são muito rigorosos, e os estudantes não têm suficiente tempo para desenvolver os seus conhecimentos. A maioria dos exames de língua estrangeira nos vestibulares da China é em inglês, então muitos estudantes não foram expostos a outras línguas estrangeiras antes de entrarem na universidade. Só depois de entrar na universidade, podem escolher uma outra língua que gostariam de aprender, por isso muitos alunos estão estudando a língua português pela primeira vez na universidade. Portanto, a maioria dos estudantes chineses que estão aprendendo português é exposta pela primeira vez a EIs portuguesas durante o período universitário, e esse tempo é muito curto., resultando daí a falta da leitura de textos em português e uso de EIs. Portanto, o gráfico 5 mostra que eles acreditam que as EIs são mais comumente usados em situações informais e na linguagem oral.

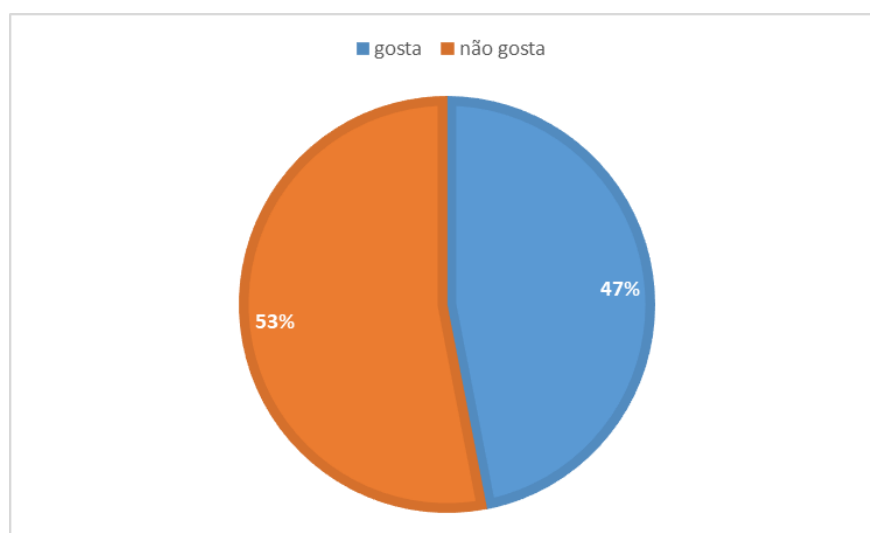


Gráfico 8: Atitude em relação às EIs.

De acordo com os resultados do inquérito, vinte e três alunos responderam que gostam de aprender EIs portuguesas e vinte e seis, não. Há mais de metade dos alunos que

não se sentem à vontade com as EIs portuguesas. Depende, geralmente da metodologia utilizada pelo professor o facto de os alunos demonstrarem um maior ou menor interesse pelo estudo destas lexias. Mas é difícil para os alunos que não se dedicam ao estudo das EIs obter boas notas. E como não existe um dicionário EI chinês-português, é muito difícil consultar o significado de uma EI portuguesa.

Em relação à pergunta 3 da II Parte do Inquérito (“Gosta de aprender expressões idiomáticas em português?”), os resultados obtidos forma os seguintes.

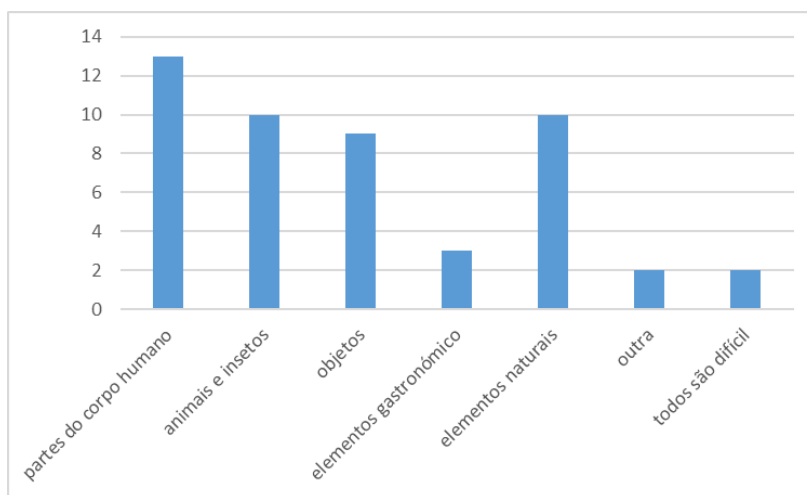


Gráfico 9: “Qual a categoria que lhe causa mais dificuldades de interpretação?”

Treze alunos chineses pensam que as EIs sobre partes do corpo humano é difícil. Dez acham que as que estão relacionadas com partes de animais e insetos são as mais difíceis. Igualmente, os alunos acham que as que incidem sobre os elementos naturais são difíceis. Nove consideram que as EIs sobre objetos são difíceis. Três alunos entendem que as EIs sobre elemento gastronómico revelam também dificuldade. Dois acham que as outras EIs também são difíceis. Vale a pena ressaltar que embora a autora tenha declarado no inquérito que os respondentes só podiam escolher uma opção, dois alunos escolheram ainda que todas as EIs acima eram difíceis.

De acordo com o gráfico, os elementos mais difíceis considerados pelos alunos são EIs que utilizam partes do corpo humano. Na terceira parte do inquérito, há um total de seis EIs que se incluem nesse grupo, mas as respostas variam muito.

Uma destas seis EIs, “dar uma mãozinha”, foi compreendida corretamente por 53% dos alunos. Mas a outra EI que inclui outra parte do corpo humano “com uma perna às costas” apenas 6% dos alunos interpretaram acertadamente o seu significado.

Dentre todas as categorias das EIs, os alunos consideraram que a categoria mais simples era a que continha elementos gastronômico, mas apenas 6% deles conseguiram responder corretamente o significado de “estar feito ao bife”.

Entre todos os alunos que responderam ao inquérito, 45% dos alunos consideraram que o conhecimento da EI é importante para o desenvolvimento das competências orais e escritas em português, apenas 4% entenderam que não.

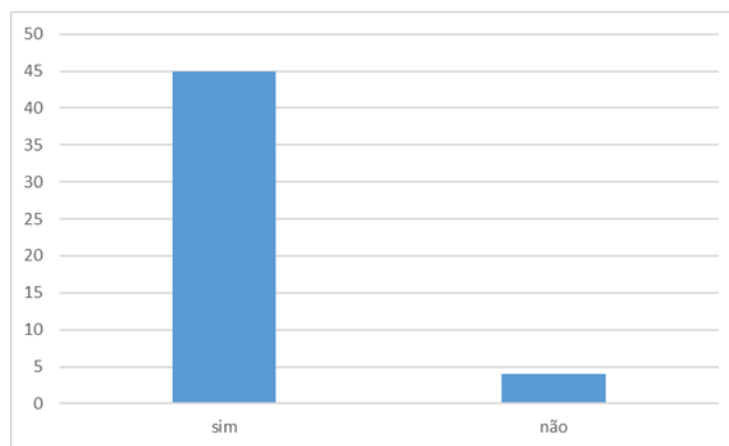


Gráfico 10: Percentagem de estudantes que pensam que o conhecimento da EI é ou não importante para o desenvolvimento das competências orais e escritas em português.

Há que referir que o grau de dificuldade em questões de aprendizagem tem pouco a ver com a capacidade cognitiva dos alunos. Existem outras razões que afetam a interpretação de EIs, por exemplo, se existem EIs semelhantes em chinês, e se o significado metafórico das EIs pode ser adivinhado a partir do significado literal, etc.

Já mais de 68% dos estudantes chineses pensam que descobrir o significado de uma EI nova é difícil, porque, na verdade, sentem muitas dificuldades em descobrir o significado de uma EI nova. Já 28% dos alunos acham que a dificuldade é moderada e apenas 4% dos alunos acham que é fácil (cf. Gráfico 11, abaixo).

Mas a principal razão pela qual os estudantes chineses denotam uma atitude negativa em relação às EIs deve-se, em parte, ao desconhecimento da utilização da EI no discurso, sobretudo oral. Por outras palavras, eles não gostam de EIs não por serem muito difíceis, mas porque não as conseguem descodificar e não se sentem motivados para as aprender.

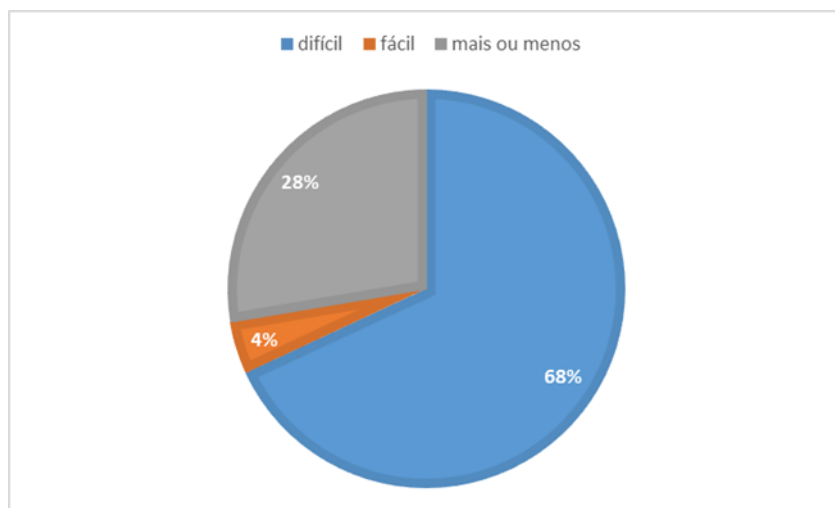


Gráfico 11: Percentagem de estudantes que pensam que descobrir o significado de uma EI nova é mais ou menos difícil.

Mesmo assim, as respostas dos alunos à pergunta 5 do questionário revelam que 45% dos inquiridos consideram importante o conhecimento das expressões idiomáticas para aumentarem as suas competências comunicativas em PE.

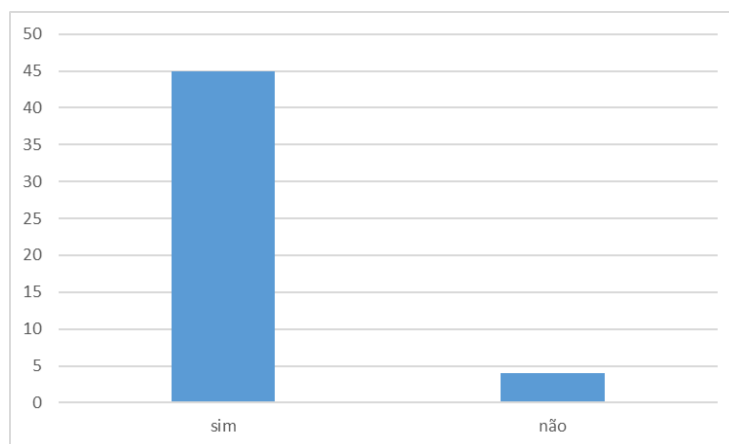


Gráfico 12: “Considera que o conhecimento das expressões idiomáticas é muito importante para o desenvolvimento das competências orais e escritas em português?”

A última pergunta da segunda parte do inquérito pedia aos inquiridos que explicassem se para interpretar uma expressão idiomática em língua estrangeira, é necessário conhecer a cultura e, por vezes, a história desse país. Quase todos os alunos pensam que as EIs não são apenas parte da língua, mas também parte da cultura. Nas respostas obtidas, vinte e cinco estudantes afirmam ter traduzido literalmente a EI para o chinês, mas, desse modo, não conseguiram compreender o significado. Só depois de recorrerem a alguns conhecimentos sobre a cultura portuguesa o significado de cada EI ficou mais claro. Vinte e cinco dos inquiridos pensam que a compreensão do contexto cultural das EIs os ajuda a aumentar a sua competência no uso das EIs e pode facilitar a utilização das EIs em situações adequadas.

Os dados da segunda parte do inquérito mostram que os alunos chineses reconhecem a importância das EIs e entendem a relação entre EIs e cultura e história. Os alunos começam a aprender as EIs tardiamente, a maioria dos alunos começam só a aprendê-las na universidade. Ao mesmo tempo, é-lhes muito difícil entender um ambiente cultural completamente diferente que existe entre Portugal e a China.

### **2.2.3. Terceira parte do Inquérito: exercício de EIs**

A última parte do inquérito compreendia um exercício de decifração de catorze EIS do PE.

- 1 Ficar a ver navios.
- 2 Falar pelos cotovelos.
- 3 Dizer para com os seus botões.
- 4 Dar uma mãozinha.
- 5 Fazer castelos no ar.
- 6 Abrir os cordões à bolsa.
- 7 Dar com o nariz na porta.
- 8 Com uma perna às costas.
- 9 Fazer uma tempestade num copo de água.
- 10 Fazer vista grossa.
- 11 Andar com a pulga atrás da orelha.
- 12 Estar com os copos.

13 Ter (as) costas largas.

14 Estar feito ao bife.

Se atribuirmos às respostas corretas um valor total de catorze pontos, constatámos que os resultados obtidos se situam em três e meio pontos, em média. Houve seis alunos que não acertaram em nenhuma das respostas, ao passo que quarenta e um alunos tiveram menos de sete pontos. Só oito alunos obtiveram mais de sete pontos. Uns números muito significativos de alunos obtiveram entre 1 e 2 pontos. Em conclusão, registou-se uma pontuação muito baixa, condizente com o fraco domínio do conhecimento das EIs em PE. Apresentamos os dados obtidos nos dois gráficos que se seguem.

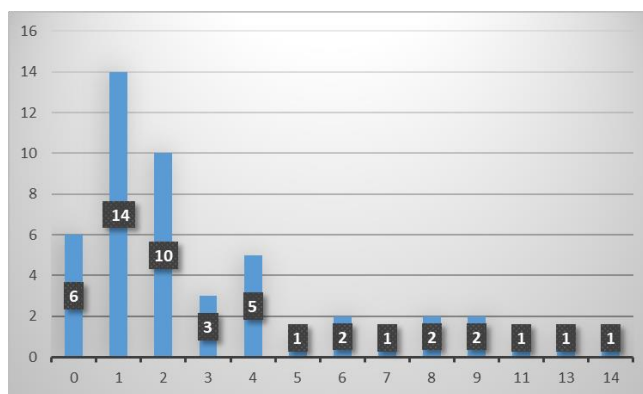


Gráfico 13: Simulação da pontuação

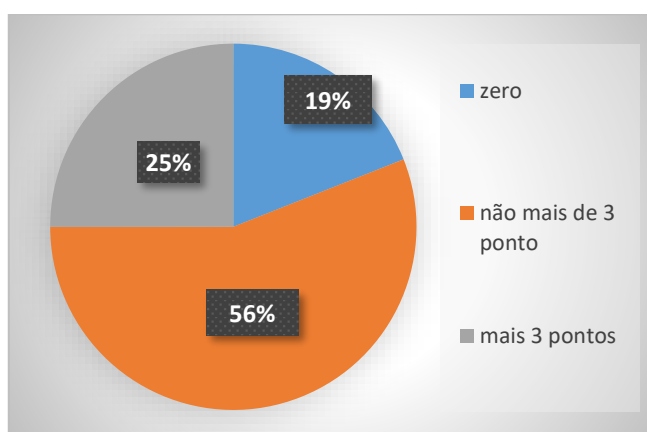


Gráfico 14: Distribuição dos pontos dos estudantes que ficam em Portugal não mais do que um ano.

Um total de dezasseis estudantes chineses estudam em Portugal por não mais de um ano. Entre estes estudantes, três obtiveram zero respostas corretas (19%), nove alcançaram cerca de três pontos (56%) e quatro conseguiram mais de três pontos (25%), com a pontuação média de 2,81 pontos.

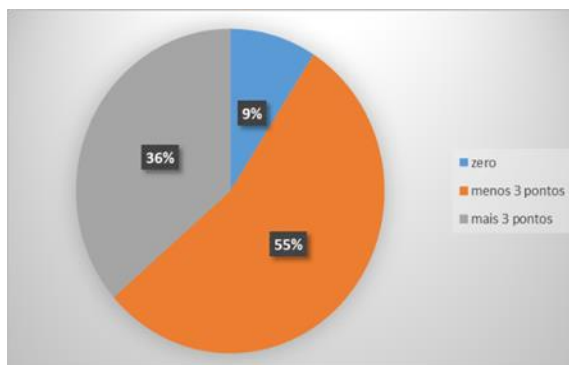


Gráfico 15: Distribuição do ponto dos estudantes que ficam em Portugal mais de um ano.

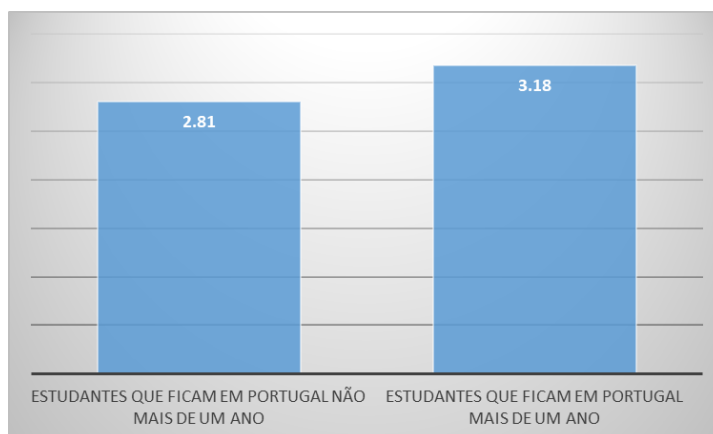


Gráfico 16: Comparação de pontuação média entre alunos que ficam em Portugal não mais de um ano e mais de um ano.

De acordo com os gráficos a proporção de alunos que estudaram mais de um ano com pontuação zero é menor e a proporção de alunos com pontuação superior a três é maior. Como pode ser visto a partir do Gráfico 1, o tempo de aprendizagem em Portugal está positivamente correlacionado com a interpretação das EIs. Os alunos que estudam em

Portugal por um período de tempo mais longo demonstraram um melhor domínio na compreensão das EIs apresentadas no inquérito.



## Capítulo III – Dificuldades dos alunos chineses na compreensão das EIs

### 3.1. Análise dos erros mais comuns

Nesta última parte da dissertação, analisarei as formas de erros mais comuns na decifração dos significados das EIs demonstrados pelos inquiridos chineses, na tentativa de compreender as suas dificuldades mais evidentes no domínio do tema em estudo.

Há a salientar, desde já, que a pontuação média dos estudantes chineses foi de apenas 3,5 pontos (em 14 pontos possíveis), o que reflete a sua dificuldade de integrar as EIs, nas suas interações comunicativas. Mas não está em causa tanto o não o facto de apresentarem erros, já que um grande número de estudantes se limitou a não responder a esta terceira parte do inquérito. Casos houve em quem os alunos forneceram respostas vagas. Os resultados obtidos podem ser mais compreensíveis através do seguinte gráfico.

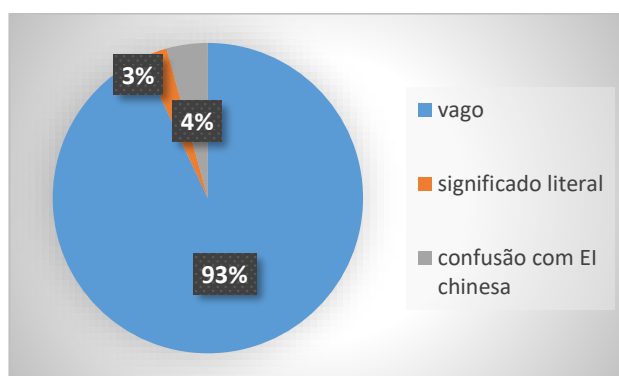


Gráfico 17: Percentagem dos diferentes tipos de erros.

É curioso notar que as interpretações das EIs de PE se caracterizam por ser muito vagas, isto é, pouco precisas e, muitas vezes, são confundidas com EIs chinesas. Houve catorze respostas que se basearam apenas no significado literal de EI.

As respostas em branco fora muito elevadas, o que mostra o desconhecimento dos alunos chineses das EIs portuguesas. Houve seis alunos que não conseguiam indicar o significado metafórico, nem mesmo o significado literal da EI. O seu vocabulário era insuficiente para traduzir até o significado literal. No entanto, quatro alunos mostraram conhecer alguns significados metafóricos. Embora algumas respostas não possam ser consideradas totalmente corretas, demonstraram que, em termos cognitivos e linguísticos, os

alunos foram capazes de fazer inferências aceitáveis.

Conhecendo a mentalidade dos alunos chineses, creio que alguns, embora conhecessem alguns significados idiomáticos das palavras, estavam preocupados se a sua interpretação seria adequada em contextos diferentes, porque não se sentiam confiantes no uso das EIs.

Alguns alunos limitaram-se a escrever o significado literal de EIs, porque desconheciam o significado metafórico de certas estruturas fraseológicas. Esta é uma das maiores dificuldades dos estudantes chineses em aprenderem EIs, pois não entendem bem a cultura portuguesa e não conseguem compreender as metáforas. Para eles, a interpretação de uma EI tende a fazer-se literalmente.

Havia também EIs que se revelavam ambíguas por terem dois significados: um literal e outro figurado/metafórico. É o exemplo da expressão *abrir os cordões à bolsa*, cujo significado pode ser interpretado literal ou metaforicamente, dependendo do contexto. Neste caso, os estudantes chineses tendem a ignorar o significado metafórico e a explicar a expressão literalmente.

Também houve alunos que confundiram as EIs que são semelhantes às EIs chinesas, mas têm significados diferentes em PE. De seguida, apresenta-se, sob a forma de percentagem, as respostas corretas que os alunos chineses apresentaram no questionário.

### 3.2. Percentagens corretas das respostas ao exercício que compreendia a parte III do inquérito.

Expressão idiomática	Percentagem de respostas corretas
<b>1.Ficar a ver navios.</b> 'Não ser contemplado, beneficiado, sofrendo uma decepção' <sup>16</sup>	24%
<b>2.Falar pelos cotovelos.</b> 'Diz-se de uma pessoa palradora'	55%

<sup>16</sup> Optei por apresentar os significados das EIs que constavam do inquérito seguindo as apresentadas por Santos (1990), à exceção de duas que serão identificadas. No entanto, eles podem ser formulados de diferentes formas, pelo que aceitei como corretas as interpretações dos alunos que revelavam uma compreensão do significado geral das EIs.

<p><b>3.Dizer para com os seus botões.</b></p> <p>‘diz-se da pessoa que fala, diálogo consigo mesmo, meditar em voz alta, refletir’</p>	14%
<p><b>4.Dar uma mãozinha.</b></p> <p>‘auxiliar uma pessoa em determinada ocasião, situação; ajudar em dada tarefa ou trabalho’</p>	53%
<p><b>5.Fazer castelos no ar.<sup>17</sup></b></p> <p>‘fantasiar, sonhar muito, mas sem fundamento’</p>	20%
<p><b>6.Abrir os cordões à bolsa.</b></p> <p>‘dar, gastar dinheiro, pagar despesa com certa relutância’</p>	12%
<p><b>7.Dar com nariz na porta.</b></p> <p>‘tentar em vão, ser recebido por uma pessoa’</p>	30%
<p><b>8.Com uma perna às costas.</b></p> <p>‘com extrema facilidade’</p>	18%
<p><b>9.Fazer uma tempestade num copo de água.</b></p> <p>‘grande espalhafato, agitação por uma questão insignificante’</p>	28%
<p><b>10.Fazer vista grossa.</b></p> <p>‘ver, notar, mas ignorar; não tomar conhecimento; pretender</p>	24%

<sup>17</sup> Dado que esta expressão não figura em Santos (1990), apresento os significados fornecidos por Almeida (2019).

não ver; tolerar por complacência, por cumplicidade silenciosa	
<b>11.Andar com a pulga atrás da orelha.</b>  'com desconfiança, com suspeita'	18%
<b>12.Estar com os copos.</b>  'estar embriagado'	12%
<b>13.Ter costas largas.</b>  'diz-se da pessoa capaz de assumir grandes responsabilidades, de aceitar culpas que nem sempre lhe cabem'	6%
<b>14.Estar feito ao bife.</b>  'ver-se numa situação sem saída, incômoda, desagradável, complicada' <sup>18</sup>	6%

Gráfico 18: Percentagens de respostas corretas ao exercício III.

Atendendo ao número de respostas corretas a cada item deste exercício III, conclui-se que as duas EIs com a taxa mais alta de correção são a segunda (55%) e a quarta (53%). A característica comum dessas duas EIs é que existem EIs semelhantes em língua chinesa. A segunda EI, *Falar pelos cotovelos*, que significa ‘falar demais’, ‘tagarelar’. Em língua chinesa, a palavra "cotovelos" também tem significados metafóricos, significando ‘muito grosso’, ‘demais’. Portanto, é fácil para os alunos chineses entenderem que essa EI se aplica a uma pessoa que fala demais. Em relação à quarta EI, *Dar uma mãozinha*, deve dizer-se que há um grande número de EIs relacionadas a mãos, em língua chinesa, e em que esse membro é representativo de ‘ajuda’ e ‘apoio’. Por isso, mais de metade estudantes interpretam bem a EI portuguesa, entendendo que significa apoio e ajuda. Note-se que um terço dos alunos respondeu corretamente à sétima EI. Como nas duas outras EIs já referidas,

<sup>18</sup> Dado que esta expressão não figura em Santos (1990), apresento os significados fornecidos por Almeida (2019).

existe também um grau de semelhança com uma EI em chinês, que significa ‘rejeitada’. Devo referir que muitos alunos chineses escreveram diretamente as EIs chinesas, quando detetavam um certo grau de semelhança, na explicação dessas três EIs.

Já em relação às outras EIs, devo dizer que não existem EIs semelhantes na língua chinesa. Quanto mais acentuado é o seu significado metafórico e menor a relação com a significado literal, menor a percentagem de respostas corretas dos alunos chineses.

A décima terceira e décima quarta EI foram as que apresentaram a menor percentagem de uma interpretação correta: apenas 6% dos alunos responderam corretamente. Os significados metafóricos e literais dessas duas EIs são muito difíceis para um aprendente chinês. Sem expressões idiomáticas chinesas semelhantes para referência, é difícil para os estudantes chineses associarem "responsabilidade" e "situação difícil" por meio de partes do corpo e de alimentos.

Estes dados mostram que os alunos chineses são influenciados pela língua e cultura chinesas quando aprendem EIs portuguesas. Quando os alunos chineses encontram EIs portuguesas, eles tendem a traduzi-las para o chinês literalmente. Se houver EIs semelhantes em chinês, isso vai ajudá-los a entender as EIs portuguesas; se não houver EIs com significados semelhantes, ou com o mesmo significado literal, mas diferentes significados reais, isso vai impedi-los de interpretar as EIs portuguesas.

Apresenta-se, em baixo, um gráfico que ilustra o domínio das EIs presentes no inquérito, em função das diversas tipologias.

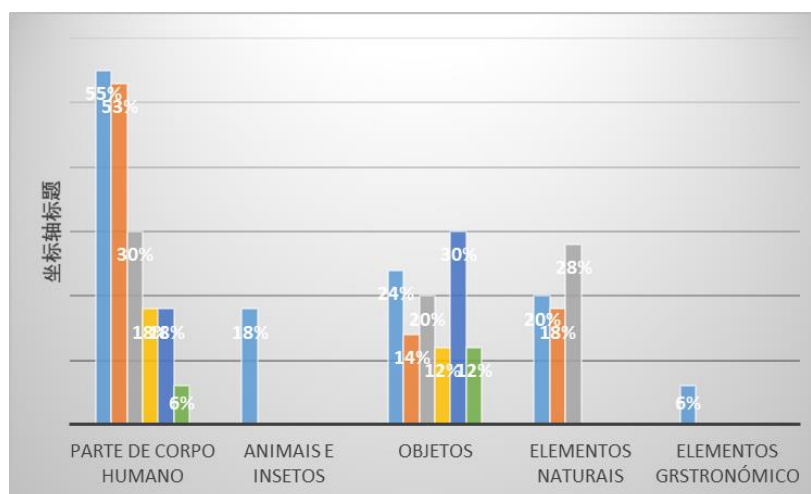


Gráfico 19: Interpretação correta de cada EI em diferentes categorias.

De acordo com o gráfico, embora algumas EIs contenham o mesmo categoria ou elemento, as taxas de respostas corretas variam muito.

Segundo os resultados do questionário aos alunos chineses, fica demonstrado que o aprendizagem das EIs em PE é uma tarefa exigente no domínio da fraseologia e que revela dificuldades acrescidas ao nível das competências linguística e comunicativa.

O maior problema dos alunos é que começam a aprender a e a usar pragmaticamente EIs portuguesas demasiado tarde e em atividades descontextualizadas, no seu percurso escolar, e o processo de ensino-aprendizagem realiza-se sobretudo na sala de aula. Por outro lado, e as falhas na compreensão da cultura portuguesa condicionam muito a interpretação figurada ou metafórica de EIs portuguesas.

Com base nos dados obtidos neste do inquérito, a autora desta dissertação gostaria de recomendar algumas sugestões para os estudantes chineses.

- a) Embora ainda não exista um dicionário de EI português-chinês, devem usar as obras *Novo dicionário de expressões idiomáticas portuguesas* (Santos, 2020) ou *Dicionário de calão e expressões idiomáticas* (Almeida, 2019). É evidente que têm de aprender a usar estas duas obras porque são diferentes os critérios seguidos para a descrição semântica das EIs.
- b) Em relação à origem de expressões idiomáticas portuguesas, o livro *Puxar a Brasa à nossa Sardinha*, da Andreia Vale (2015), pode constituir uma ajuda preciosa porque inclui explicações atualizadas sobre a origem e uso das expressões idiomáticas.
- c) Devem utilizar também a obra de Rebelo (1998), *Fraseologias em Português e Chinês: uma abordagem contrastiva*, que está dirigido ao ensino deste tema para os aprendentes chineses.
- d) Não devem utilizar as EIs apenas em situações orais e informais, mas saber identificá-las em vários registos escritos (publicidade, artigos jornalísticos, textos literários, etc.).
- e) As EIs chinesas semelhantes poderão propiciar um entendimento mais imediato e fácil das EIs portuguesas, mas também devem aprender a reconhecer pontos semelhantes e distintos nas estruturas sintáticas e nos significados frásicos.
- f) Será necessário desenvolver métodos de aprendizagem das EIs portuguesas, por exemplo, como estarem atentos a programas televisivos, cultivarem o hábito de ler

jornais e textos literários, para que possam basear a sua aprendizagem de uma forma contextualizada.

- g) Para perceber que as metáforas presentes em muitas EIs se baseiam profundamente na cultura portuguesa, devem, por isso, tentar compreender os mecanismo de produção semântica e usar a técnica de memorização.
- h) Ao descobrir novas EIs, o aluno chinês deve realizar uma compreensão contextual, perceber o contexto pragmático em que os portugueses usam essas EIs e entender o contexto cultural relacionado com elas.

## Considerações finais

Com este trabalho, espero ter contribuído para uma reflexão sobre a importância e os problemas do processo de aprendizagem das EIs em PE tendo em vista, principalmente o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos chineses. Como se trata de um tema que suscita muitas dificuldades de compreensão, procurei, em primeiro lugar, discutir alguns dos tópicos mais abordados pelos autores que dedicaram estudos a este tema (relativa fixidez, cristalização, opacidade e metaforização), tendo em conta os problemas de definição de EIs,. Também fiz uma referência breve, mas fundamentada, das diferentes tipologias de classificação de EIs, propostas por linguistas de renome. Considerei que, a partir da minha experiência, seria importante fazer ainda, no capítulo inicial, uma reflexão sobre a importância do ensino das EIs nas aulas de português para alunos chineses. E que para se perceberem os valores metafóricos da maior parte das EIs, que muitas vezes subvertem a nossa visão do mundo, é necessário que os alunos chineses consigam interpretar as metáforas que estão na sua origem, porque só através de uma leitura imagética se pode compreender os seus significados idiomáticos.

Considerei que a metodologia mais adequada para aferir a complexidade linguística e a dimensão intercultural do ensino que as expressões idiomáticas colocam aos alunos chineses na aprendizagem de PLE/L2 seria elaborar um inquérito, que integrasse também um exercício de decifração de EIs de várias tipologias e de moderada dificuldade. A análise dos resultados obtidos no “Exercício de decifração” de catorze EIs, perceberam-se as principais dificuldades que os alunos chineses têm no reconhecimento e na interpretação dos idiomatismos que, de certo modo, em termos sintáticos e semânticos, conservam o seu caráter de cristalização, porque permaneceram imutáveis ao longo dos tempos.

Mas considero que a aprendizagem das EIs por parte de alunos não se limita à explicação dos seus significados potenciais, aqueles que encontramos em dicionários e outros manuais, mas inclui também a formação, a proveniência e a origem dessas expressões.

Acreditamos que a explicação dos significados pré-definidos na sua interação com elementos contextuais das EIs ajudará os aprendentes chineses a compreender e a memorizar melhor os idiomatismos do PE, bem como a conhecer melhor a cultura do país. No ato



comunicativo, o contexto em que um enunciado é proferido é essencial para a compreensão das EIs e há que incentivar os alunos a reconhecê-las e a inferir o seu significado a partir do seu uso contextual. Nesse sentido, não basta que os alunos estrangeiros desenvolvam um nível proficiente de competência gramatical da Língua Segunda, já que, no caso das EIs, a metáfora pertence ao domínio da linguagem figurativa, que se opõe à linguagem literal. É evidente que os alunos chineses não conseguem identificar e interpretar os idiomatismo do português não possuem um conhecimento extralinguístico sobre a cultura em que elas se inserem.

## Referências Bibliográficas

Almeida, J. J. (2019). *Dicionário de calão e expressões idiomáticas*. Lisboa: Guerra e Paz. [Edição digital, 2020.

Disponível em: <https://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf>

Baptista, Jorge, Anabela Correia & Graça Fernandes 2005. Léxico-gramática das frases fixas do português europeu. Breve presentación. *Cadernos de Fraseoloxía Galega* 7, 41-53.

*Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, disponível em <http://www.ciberduvidas.com/>

Cowie, A. P. (ed.). (1998). *Phraseology: Theory, Analysis and Applications*. Oxford: OUP.

Disponível em Google Livros: <https://encurtador.com.br/ahEIO>

Coimbra, R. L. & Nunes, A. M. (2008). “Pôr-se na pele” do falante de PLE. Expressões Idiomáticas no Discurso Publicitário”, in P. Osório, & R. Meyer. *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira. Da(s) Teoria(s) à(s) Prática(s)*. (pp.175-187). Lisboa. Lidel - Edições Técnicas, Lda.

*Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*. Disponível em:

<https://natura.di.uminho.pt/jjbin/dac>

Duarte, M.S.de A. (2006). *As expressões Idiomáticas na Língua e no Discurso. Um Olhar sobre as Crónicas de Miguel Esteves Cardoso*. (Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa). Porto: Faculdade de Letras na Universidade do Porto.

Fernandes, G. (2008). Expressões idiomáticas: frases fixas intransitivas do português Europeu. *Estudos Linguísticos*, vol. 1, 101-119. Disponível em: <https://clunl.fctsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/graca-fernandes.pdf>

Figueiredo, O. (2001). Como intratexualizam os alunos a denominação lexical genérica?, in *A Linguística na Formação do Professor de Português*. (pp.189-200). Porto: Clup.

Figueiredo, E.B., & Figueiredo, O. M. (2010). Unidades fraseológicas no ensino de PLE. Perspectiva intercultural. *Revista Limite*, 4, 155-166.

Jorge, G. (1991). *As expressões idiomáticas. Da língua materna à língua estrangeira. Uma Análise comparativa*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: FLUL.

Jorge, G. (2001). Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural, *Polifonia*, nº 4, 215-222.

Moura, I., & Telmo, A., (1995). *Por outras palavras: dicionário das frases idiomáticas mais usadas na língua portuguesa*. Lisboa: Edições Ledo.

Mai, R., Morais, C. & Pereira, U. (2019). *Gramática de Língua Chinesa para Falantes de Português*. Aveiro: Aveiro: UA Editora.

Mai, R. (2012). *Ensino de Chinês a Falantes de Português, o caso da Universidade de Aveiro*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Ngan, A. A. et. al. (1998). *Concordância Sino-Portuguesa de Provérbios e Frases Idiomáticas*. Macau: Associação de Educação de Adultos.

Ortiz Álvarez, M.L. (2004). Ensino de Línguas próximas, isso são outros quinhentos: a questão das expressões idiomáticas nas aulas de LE. In, A.L.G. Trouche e M. Paraquett (orgs.). *Formas & Linguagens: tecendo o Hispanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: CCLS Publishing House.

Ortiz Álvarez, M.L. (2002). O mundo da fraseologia. *Revista Ata Semiótica e Linguística*, vol. 10, 207 -221.

Ortíz Alvarez, M. L. (2000) *Expressões Idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. (Tese de Doutorado em Linguística Aplicada na área de ensino/aprendizagem de segunda língua e língua estrangeira). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem.

Ortiz Álvarez, M.L. (1998). Expressões idiomáticas: ensinar como palavras, ensinar como cultura. In: P. F. Pinto, & N. Júdice. *Para acabar de vez com Tordesilhas*. Lisboa: Edições Colibri, pp.101-117.

Osório, P. (2008). *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira. Da(s) Teoria(s) à Prática(s)*. Lisboa. Edições Lidel.

Polónia, C. P. F. M. (1999). *As expressões idiomáticas em português língua estrangeira: uma experiência metodológica*. (Dissertação (Mestrado em Letras)). Porto: Universidade do Porto.

QECRL. Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas do Conselho da Europa (2001). Disponível em: [http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro Europeu total.pdf](http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf)

Rio-Torto, G. (2012). Lexical idiomaticity and word processing, in *Los limites de la morfología. Estudios ofrecidos s Soledad Varela Ortega*. Coleção Estudios 147 (pp. 397-412). Universidade de Coimbra: CELGA.

Ramon, M. (2017). O binómio língua-cultura no processo de ensinoaprendizagem de português língua estrangeira.

Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/53923>

Rebelo, L. M. T. (2000). *Fraseologias em Português e Chinês. Uma abordagem contrastiva*. (Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa - Estudos Linguísticos) Macau, Centro de Publicações, Universidade de Macau.

Ranchhod, E. M. (2003). O lugar das expressões ‘fixas’ na gramática do Português. In I. Castro, and I. Duarte (eds.), *Razão e Emoção*, 2, 239-254.

Santos, A. (1990). *Novos Dicionários de expressões idiomáticas*. Lisboa: Edições Sá da Costa.

Vale, A. (2015). *Puxar a Brasa à Nossa Sardinha*. Lisboa: Manuscrito Editora  
Disponível em Google livros: <http://abre.ai/bjEE>

Vale, O. A. (1999) Expressões cristalizadas: transparência e opacidade. *Signótica*, 11, 163-172.

Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/14612/5/Artigo%20-%20Oto%20Ara%C3%BAjo%20Vale%20-%201999.pdf>

Vivela, M. (2002). As expressões idiomáticas na língua e no discurso, in *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, vol.2 (159-189). Porto : Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/18051>

Wang, C. X. (2012). Ensino de português (PLE) a falantes de língua materna chinesa: as expressões idiomáticas. (Dissertação de mestrado em língua e cultura portuguesa(PL2/PLE))  
Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/12245/1/ulfl166521\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/12245/1/ulfl166521_tm.pdf)

Weizhe, W. (2018) Ensino das Expressões Idiomáticas para os Aprendentes Chineses. (Dissertação de Mestrado em Português como Língua Segunda e Estrangeira. Proposta dos Materiais Didáticos e das Atividades). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa.

Disponível em:

<https://run.unl.pt/bitstream/10362/46414/1/Weizhe%20Wang-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%202018.pdf>

Wulff, S. (2012). *Idiomacity*. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/299654690\\_Idiomacity/citation/download](https://www.researchgate.net/publication/299654690_Idiomacity/citation/download)

Wulff, S. (2008). *Rethinking Idiomacity: A Usage-based Approach*. London/New York: Continuum

Xatara, C. M. (2001a). O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. *Trabalhos Em Lingüística Aplicada*, v. 37, 49-59.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639325/6919>

Xatara, C., Riva, H. C., & Rios, T. H. C. (2001b). Tradução de idiomatismos. *Cadernos de tradução*, 2(8), 183-194.

Xatara, C. M. (1995). O resgate das expressões idiomáticas. *Alfa -Revista de Lingüística*, v. 39, 195-210.

Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3980>

Xatara, C. M. (1998.a). O campo minado das expressões idiomáticas, *Alfa*, 42 (n.esp.), 147-159.

Xatara, C. M. (1998.b). Tipologia das expressões idiomáticas. *Alfa*, 42, 169-176.

Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4274/3863>

## Anexo

### Inquérito

Este inquérito é anónimo e destina-se a um trabalho académico. Muito obrigada pela colaboração.

#### I. Dados

Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo:  Feminino  Masculino

Língua materna: \_\_\_\_\_

Caso o português seja, para si, uma língua estrangeira, indique há quanto tempo o estuda: \_\_\_\_\_ anos (incluindo o presente ano letivo), dos quais \_\_\_\_\_ anos em Portugal.

#### II. Expressões idiomáticas

1–Considera que a utilização de expressões idiomáticas é mais frequente na comunicação escrita ou na comunicação oral?  oral  escrita

2–Já estudou expressões idiomáticas do português europeu durante o seu percurso escolar?

sim  não

Se sim, quando o estudou?

jardim infantil

escola primária

escola básica

escola secundária

universidade

outra. Qual?

3– Gosta de aprender expressões idiomáticas em português?  sim  não. Indique qual a categoria que lhe causa mais dificuldades de interpretação (escolha apenas uma opção)

sobre partes do corpo humano  sobre animais e insetos  sobre objetos  sobre elementos gastronómicos  sobre elementos naturais  outra.

Qual? \_\_\_\_\_

4– Geralmente, descobrir o significado de uma expressão nova é:

fácil

difícil

mais ou menos

5–Considera que o conhecimento das expressões idiomáticas é muito importante para o desenvolvimento das competências orais e escritas em português?  sim  não

6– Para interpretar uma expressão idiomática em língua estrangeira, é necessário conhecer a cultura e, por vezes, a história desse país?  sim  não

Porquê? \_\_\_\_\_

7– Acha que a aprendizagem de expressões idiomáticas portuguesas é importante para os alunos chineses?  sim  não  mais ou menos

### III. Exercício de decifração

1	Ficar a ver navios.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
2	Falar pelos cotovelos.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
3	Dizer para com os seus botões.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
4	Dar uma mãozinha.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
5	Fazer castelos no ar.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
6	Abrir os cordões à bolsa.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
7	Dar com o nariz na porta.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
8	Com uma perna às costas.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
9	Fazer uma tempestade num copo de água.	Já conhecia esta E.I.?	Qual o significado?



		<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	
10	Fazer vista grossa.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
11	Andar com a pulga atrás da orelha.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
12	Estar com os copos.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
13	Ter (as) costas largas.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
14	Estar feito ao bife.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?

10	Fazer vista grossa.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
11	Andar com a pulga atrás da orelha.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
12	Estar com os copos.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
13	Ter (as) costas largas.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?
14	Estar feito ao bife.	Já conhecia esta E.I.? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	Qual o significado?